

COMO OS SENEGALESES NÃO TEM MEDO DO OESTE

Os homens senegaleses que vivem em Cascavel sofrem para exercer suas profissões e lidam com a dor de ver assassinado um deles.

Por: Mayane Humeniuk

Dia 24 de julho de 2018, terça-feira, um fim de tarde desconfiado e triste. Eu, estudante de Jornalismo, começava meu primeiro semestre num curso superior. Fallou Ndack, imigrante senegalês que morava no Brasil há aproximadamente seis anos, era assassinado por um ambulante, assim como ele, por conta de uma cobrança sobre uma dívida, uma caixinha de som da moda.

Para os senegaleses que vivem em Cascavel, amigos e conterrâneos de Fallou, o acontecido tão noticiado naquela semana, foi um acidente infeliz e até mesmo descuido do falecido amigo. O triste relato ilustra mostra como tem sido amarga a adaptação dos imigrantes africanos no oeste paranaense.

Seringne Mbaye Sarr, Paco para os mais íntimos, senegalês de 25 anos e que mora no Brasil há quatro, diz que eles tem que estar sempre atentos, existem costumes e culturas diferentes e eles tem que conhecer todos: “Foi um acidente muito rápido, a gente não conseguiu interpretar muito. A gente só tem que ficar esperto, cuidar, saber como é a comunidade, se tem cultura diferente. Senegalês não pode matar, então a gente não pensa isso de ‘vou matar’, aqui quando a pessoa fica falando ‘vou matar, vou matar’ tem cultura diferente, então tem que se cuidar. Com o Fallou aconteceu isso, ele não acreditava que ia acontecer e aconteceu”.

A morte de Fallou, no entanto, foi só um dos gritos por atenção de uma comunidade que vive e sofre na cidade de Cascavel há, mais ou menos, quatro anos. Homens dos 20 aos 40 anos, na maioria das vezes solteiros e cheios do desejo de ganhar muito dinheiro e ajudar a própria família com o fruto do trabalho que de longe parece fácil. Muitos deles vem com a ilusão de que se estabelecer financeiramente aqui será mais simples, o que na realidade não acontece.

Aqui em Cascavel, atualmente, vivem seis desses homens, já viveram nove. Estão sempre juntos e em contato, a maioria deles mora na mesma casa e trabalha da mesma forma, e é incrível o quanto as pessoas simplesmente não tem ideia de sua existência tão

gritante. Eles são rostos conhecidos nas ruas do Centro de Cascavel e já estiveram nos noticiários duas vezes: durante o assassinato de Fallou e quando um deles, Ousseynou, sofreu um acidente de trabalho. Para uma comunidade pequena, eles são facilmente notáveis mas, infelizmente, poucos os notam.

Omar Diop, que mora no Brasil também há quatro anos e é presidente da Associação Senegalesa em Cascavel, diz que veio para estudar e trabalhar, mas se frustrou: “Não foi o que eu esperava. Eu esperava chegar e já estudar e trabalhar, mas quando cheguei, fiquei oito meses sem trabalhar. O estudo também, até agora não consegui e faz quatro anos que estou aqui, então acho que é uma coisa que não vou conseguir”, ele diz, com um pouco de riso. Hoje, Omar é vendedor ambulante e vende óculos, relógios e equipamentos eletrônicos falsificados, como a grande maioria deles.

Para boa parte dos africanos adultos, é um costume tentar a vida fora do próprio país, conforme percebem que a conquista de um emprego lá dentro não é fácil. É cultural e parte de um costume o objetivo de ganhar muito dinheiro no estrangeiro quando deixam suas famílias para trás, Omar explica que voltar sem conseguir alcançar o objetivo com que foi embora é muito vergonhoso: “Tem muitas pessoas da minha família para quem eu tenho vergonha de falar do que estou trabalhando aqui, então não tem como eu voltar”.

“Todo o ser humano busca pela subsistência e, na medida do possível, melhorias de vida para seus familiares, isso parece ser natural do ser humano. Algumas sociedades veem como obrigação buscar melhores condições de vida e em casos de maior necessidade fica mais evidente o fracasso, o que gera o desconforto e a vergonha. Nos casos de comunidades de África, onde esta demanda tornou-se um traço cultural, se maximiza este processo. Tratam-se de convenções sociais e culturais construídas em condições muito adversas”, diz o professor habilitado em História e Sociologia pela UNIOESTE, Edson Gavazzoni.

Tanto Omar quanto Paco chegaram ao Brasil em 2015, sozinhos. Paco morava anteriormente na Argentina, enquanto Omar passou um tempo na casa de um amigo senegalês em São Paulo. A questão legal de permanência no Brasil, para eles, é a mais complicada, já que o Senegal não se encaixa no artigo 1º da Lei Nº 9.474/1997, no qual se especifica que o refúgio será dado:

1 - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.

Sendo assim, eles não conseguem seus vistos pela situação de refugiados, mesmo que o Senegal tenha um dos IDH's mais baixos do mundo*. No caso de Omar e de Paco, ambos só conseguiram vistos permanentes depois de se unir estavelmente com as companheiras brasileiras, algo a que nem todos têm a sorte de poder recorrer. “Eu fiz uma união estável mais para ajudar ele a conseguir o visto permanente mesmo, esse papel não ia mudar nada no nosso relacionamento, e já que sem esse papel ele não ia conseguir voltar depois de visitar a família dele, eu fiz para que ele pudesse ir e voltar tranquilamente. Ele já estava há três anos no Brasil esperando a liberação do Conare e isso não aconteceu”, diz Renilda Humeniuk, vendedora brasileira que namora Omar desde 2016 e que se uniu estavelmente com ele no ano passado.

Segundo o estudo *Refúgio em Números*, lançado em 2016 pelo Conare (Comitê Nacional para os Refugiados), 2015 - ano em que Omar e Paco vieram para o Brasil - foi o ano em que mais se solicitou refúgio no Brasil pelos senegaleses desde 2010. Em 2016, conforme última divulgação desses dados, 251 senegaleses entraram com o pedido de refúgio no Brasil e nenhum deles foi deferido.

O PRECONCEITO E AS DIFICULDADES AOS OLHOS DELES

Se a saudade de casa e a dificuldade para se estabelecer no país novo não fossem o bastante, todo imigrante sofre também com o preconceito de pessoas que sentem do medo ao ódio dos que vem de fora. Renilda conta que, para ela, existe nas pessoas um preconceito velado para com a comunidade imigrante e, sobretudo, com senegaleses e haitianos: “A maioria tem (preconceito). Mas não é nenhum preconceito escancarado, eles tem um preconceito de achar que eles não são capazes. Tem gente que quer ajudar, mas quer ajudar com migalhas, achando que é disso que eles precisam, é um preconceito velado, acham que eles são inferiores. (...) Às vezes quando falam que eu namoro um haitiano, eu corrijo dizendo que ele é senegalês e as pessoas falam ‘é a mesma coisa, mesma coisa’”.

Edson, em contrapartida, diz que esse preconceito não tem caráter geral: “Temos que desmistificar claramente isso, não se trata de preconceito brasileiro, como se fosse algo inerente a todos os brasileiros. Trata-se sim de preconceitos de algumas pessoas, o que deve ser combatido e desmistificado, haja vista que exceto os índios, os demais brasileiros foram igualmente imigrantes”.

Paco pensa da mesma forma. Quando o pergunto se ele acha que sofre preconceito no Brasil ele diz que sempre se virou sozinho e que por isso nunca sentiu isso diretamente, mas que existem pessoas diferentes e ele não pode julgar a todas como se fossem uma só. Esse tipo de pensamento surpreendentemente nobre mostra o quão diferente nossas culturas podem ser.

Os senegaleses são, em sua maioria, muçulmanos e, apesar das dificuldades e da falta de um espaço em que possam exercer seus ritos religiosos em plena liberdade, eles ainda sorriem a reveria e se sentem gratos a Deus por tudo que recebem.

A questão financeira não deixa de ser um problema, no entanto, já que eles têm uma extrema dificuldade em conseguir trabalhos de carteira assinada e, quando conseguem, o salário é muito baixo. Sem falar na falta de assistência em outras questões, como no caso de Ousseynou Ndiaye, o mais velho da pequena comunidade, que sofreu um acidente de trabalho em 2017, quando um bloco de concreto caiu sobre sua cabeça na época em que trabalhava para a construtora Fundarte. Segundo Omar, Ousseynou só recebeu assistência financeira até melhorar e está lutando por uma indenização até hoje.

Agora Ousseynou também é ambulante, essa parece ser a única saída para a maioria deles. O único trabalho oferecido aqui é braçal e não paga o bastante para cobrir as despesas e, mesmo assim, é muito difícil de conseguir.

“Para nós é mais difícil encontrar trabalho, se você vai numa empresa e eles precisam de duas pessoas e chegam três, por exemplo, dois haitianos e um senegalês, eles vão pegar os dois haitianos, porque haitianos têm a prioridade, são refugiados e nós não”, explica Omar, que já chegou a trabalhar para a empresa Paulitec Construções aqui em Cascavel, mas que resolveu sair, pois o salário não valia o esforço. No final, todos eles são chamados a vender na rua, talvez até mesmo pelo espírito livre e empreendedor que os acompanha. Paco conta que trabalha para ter dinheiro o suficiente para abrir um negócio no Senegal no futuro e que, só aí, voltará para lá.

No entanto, o plano de vender de forma legal no Brasil tem sido dificultado para eles. “Aqui a única possibilidade que a gente tem é vender, e estrangeiro não vende na rua aqui, estão fazendo tudo, tudo, tudo para gente não vender aqui”, diz Paco, que já solicitou alvará para que possa vender seus produtos de forma a não sofrer com o medo de tê-los tomados

pelos fiscais da Prefeitura, mas que até agora, não conseguiu. Ele ainda complementa dizendo: "(...) Aqui em Cascavel a gente trabalha só para tentar conseguir o que quer, mas se for para fazer uma 'coisa boa' eu não me sinto bem aqui. É uma cidade muito fechada, povo fechado. (...) Aqui é muito complicado".

Quando pergunto à Renilda se ela acha que a Prefeitura de Cascavel é injusta com eles como ambulantes, ela diz que sim: "(Acho que é injusto) porque proíbe para uns e libera para outros e a gente sabe que as coisas que essas pessoas (com alvará) vendem é o mesmo que eles vendem, vem do Paraguai e da 25 de março. Eles querem pagar alguma coisa para a prefeitura para poder trabalhar tranquilo, mas a prefeitura não tem uma lei e lugar que faça isso, não está preparada para isso, na verdade".

O setor de Alvará da Prefeitura, no entanto, frisa que a demora e burocracia para a liberação de alvarás é para todos, não só para com os estrangeiros, e que, devido a um atraso na liberação desses alvarás, eles começaram a analisar os pedidos de 2015 neste ano. Segundo o setor, não há distinção entre brasileiros e estrangeiros no método de avaliação para a liberação desses alvarás.

O desabafo de Paco emociona e faz questionar, de qualquer forma, qual é a eficiência e preparo da Prefeitura de Cascavel para lidar com o problema desses estrangeiros: "Aqui eles não abrem a mão para você. Você tem vontade de trabalhar e vai lá na prefeitura, ninguém atende. Se a gente chega lá para conversar, parece que você não tem vida, não tem inteligência. Você vai lá querendo alvará, querendo loja, eles acham que a gente não é capaz, eles não dão nada de oportunidade, vão pegar um monte de papel e vão fazer uma burocracia em que você vai desistir. Muita coisa triste que a gente passa aqui".

Em meio a tantas dúvidas e dificuldades, os senegaleses seguem sua vida por aqui. Paco me diz, no final da nossa conversa, que se não conseguir o alvará para vender aqui, irá para os EUA, onde ele ouviu que há melhores oportunidades. Omar não tem planos para ir embora, principalmente porque não quer deixar a namorada para trás. Os outros, segundo Paco, ficam até conseguirem resolver questões específicas.

A lição que eles deixam, no entanto, no final da conversa, pode ser resumida na resposta de Omar quando perguntei se ele sentiu medo depois que Fallou foi assassinado, sorrindo e com convicção ele disse: "Não senti medo, a gente não tem medo".

** Em 2018, sua colocação foi 164º num ranking de 188 países, com a pontuação de 0.505.*